

# Na trilha do medo

O que esse olhar estará vendo?

CLAUDIA ALVES E GABRIELA MATOS

A composição musical é a grande companheira das cenas de filmes, a trilha sonora tem a função de ampliar as sensações desejadas pelo autor em cada cena. O som acompanha a intenção dramática do filme. A música pode trazer sensações de felicidade, de medo e até mesmo de pânico.

No cinema, o suspense é o artifício mais explorado para cativar a audiência, pois cria expectativas de que algo ruim possa acontecer, de forma que não há como prever nem prevenir os acontecimentos. E as intervenções musicais aceleram essas sensações.

A indústria cinematográfica do suspense trabalha bem este tema com o auxílio da música. Pois em cenas de medo e ansiedade usa-se um ritmo bem acelerado e envolvente, já no desfecho, geralmente uma música mais suave.

A estudante de cinema da PUC-Rio, Beatriz Barros, adora o gênero suspense e diz que a música é o que

a faz produzir mais adrenalina:

– Os sons incorporados à imagem dão a sensação de que algo maior vai acontecer, é uma espécie de estimulante para aquela cena. Quando ouço a música, meu coração já palpita mais forte.

Em algumas cenas de mistério, nas quais não há fala, é basicamente a música que altera os nervos dos espectadores. Esse fenômeno de influência da música no humor e no sentimento do público tem explicações psicológicas e biológicas, segundo a psicóloga Ângela Peccini: a música é composta de elementos que formam a sua essência, como o ritmo, a harmonia, a medida, entre outros. E essa essência é capaz de provocar reações diversas em nosso organismo. Pode-se, através da música, alterar os batimentos cardíacos, a respiração, a concentração e o estado de tensão ou repouso do sistema nervoso, disse ela.

## Os sons do suspense

Numa pesquisa sobre o consumo dos sentimentos negativos

publicada, em 2007, no *Journal of Consumer Research* pela Universidade de Chicago, Eduardo Andrade, da Universidade da Califórnia e Joel Cohen, da Universidade da Flórida, defendem que é natural do ser humano sentir medo e prazer ao mesmo tempo. Eles divulgaram ainda, que quanto mais aterrorizante for a sensação, maior será o prazer que ela causará.

Talvez esta seja a explicação para os filmes de suspense e terror atraírem tanta audiência. A estudante de publicidade Gisele Borges é fã de filmes de suspense e diz que acha incrível a sensação de ansiedade e medo que sente ao assistir a esse tipo de filme.

– Fico com as mãos suadas, com uma respiração ofegante e depois que passa é um alívio muito grande, diz.

Alguns cineastas tornaram-se grandes ícones ao trabalhar com esse artifício de maneira original e inovadora. O cineasta inglês Alfred Hitchcock é o mestre precursor dessa fusão de música e medo em completa sintonia nas cenas, através de eventos sucessivos.

Hitchcock inventou um estilo



Cena de Os pássaros

próprio de filmar dramas psicológicos. Seu suspense é diferenciado pelo uso de uma música forte e de efeitos de luz e não contém temas sobrenaturais, é baseado em conflitos de personagens humanos, cuja tensão é aumentada pelas características psicológicas dos personagens.

Seja na época do cinema mudo, do preto e branco e até em 3D, a trilha sonora é uma personagem capaz de fazer uma cena ficar registrada na história da sétima arte. Quem não se lembra da música reproduzida na famosa cena do chuveiro de *Psicose* – dirigido por Hitchcock em 1960? Alfred sempre procurou em seus filmes uma sincronia com a música. A psicóloga Rosa Portella explica qual o efeito dessa relação:

– Ao ouvir um som, seja uma

música, ou algo que compõe aquela cena, o cérebro recebe uma mensagem em que aquela emissão de tons vai produzir adrenalina, por isso, em certos casos, as pessoas procuram fechar os olhos, dizem que não querem ver a cena, pois o som remete ao que pode vir a acontecer.

Como exemplo de tipos de som, sem ser propriamente a música, que causa o “terror”, o filme *Frenesi* (1972), com a contribuição de efeitos da câmera, induz o telespectador a deduzir que haverá uma morte. Quando o assassino leva mais uma vítima até sua casa – a câmera aos poucos sai do prédio – e o barulho da rua começa a surgir. Dessa forma, os sons criam o suspense de que aquela história se repetirá.

Desde a época do cinema mudo, em sua fase inglesa, Hitchcock já usufruía dos sons. Em *Inquilino* (1929), os sons em ascendência estimulavam o telespectador a entender os fatos. As histórias do diretor eram bem simples e de certa forma tinham a mesma ideia. Um personagem parece ser o assassino e é obrigado a fugir da polícia e do “verdadeiro” assassino para provar sua inocência, causando dúvidas no espectador.

Em *Intriga internacional* (1956) fica evidente a trama de Hitchcock. O personagem de Cary Grant procura provar sua inocência mesmo sendo perseguido por uma estranha organização. Ao mesmo tempo, o diretor cria dúvidas no espectador se de fato Grant é inocente.

Em declaração feita na premiação AFI – *American Film Institute*, Alfred Hitchcock, ao receber o prêmio em homenagem por sua obra, agradece a todos e destaca os responsáveis pelas trilhas sonoras. O mestre do suspense diz ser esse um fator que estimula o próprio ator a entrar em cena e fazer com que as pessoas acreditem no que estão vendo. Em certos momentos, o próprio diretor acreditava que a música era a capaz de dizer mais que o roteiro.

Em *O homem que sabia demais* (1956), duas cenas são de suma importância, como uma espécie de clímax para o filme. A primeira é quando o personagem de Jimmy Stuart está atrás do homem que sequestrou seu filho e sabe que este pretende matar um político durante um concerto, exatamente na hora em que o prato for tocado.

– As imagens e os sons eram o que faziam dos filmes de Hitchcock um grande suspense, o barulho dos pássaros, no filme *Os pássaros* (1963), já causava um incômodo, uma agonia de estar ali assistindo aqueles ataques. Digo sons, mas poderia falar música. No caso deste filme, os pássaros pareciam ter uma música gravada de tão pavoroso que era ouvir aqueles ruídos, acrescenta Beatriz Barros.

Alfred Hitchcock trabalhava suas histórias de forma primorosa e detalhada. Na cena do assassinato no banheiro, em *Psicose*, o diretor a gravou durante sete dias e usou a câmera em 70 posições diferentes, tudo com o objetivo de passar ao espectador o máximo de suspense. O mesmo ocorre em outra cena do filme, em que o investigador vai até à casa do assassino. Enquanto ele sobe as escadas, do outro lado da tela o espectador sabe que o pior pode acontecer e tudo que pensa é: "Por favor, não suba!"

Hitchcock sempre diferenciou o mistério do suspense. Acreditava que os filmes que fazia informavam o espectador sobre o que estava acontecendo e denominava isso de suspense. Segundo ele, mistério era para mistificar, formar um quebra-cabeça, enquanto suas histórias, ao contrário, eram simples e lineares.

O diretor, que gostava de fazer o espectador interagir, adentrar a cena, capaz de desenhar suas cenas como uma espécie de história em quadrinhos, declara:

– Montar pedaços de filme para encenar o medo é parte essencial do meu trabalho.



Onde mora o seu medo?



*Janet Leigh na famosa cena do banho em Psicose*



*Hitchcock e um dos seus atores principais em Os pássaros*

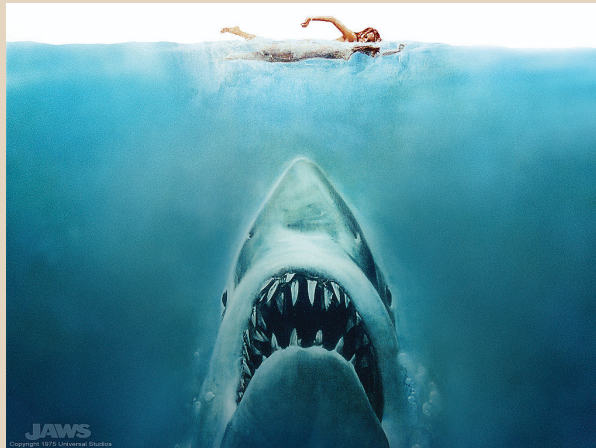


## A química do medo no cinema

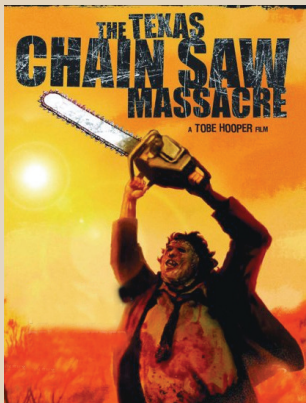
JULIO BENCK

Com a indústria do cinema seguindo uma espécie de “fordismo”, incorporou-se à linha de montagem o produto “terror”. A máquina hollywoodiana não tardou a explorar o fascínio que as pessoas sentem diante do que lhes aterroriza, um fascínio às avessas, mas não menos impressionante. Segundo Alexandre Travassos, crítico de cinema:

– É justamente essa previsibilidade dos filmes de terror e suspense que os tornam tão fascinantes; um bom filme do gênero é aquele que consegue expressar, de maneira convincente, a contraposição entre o



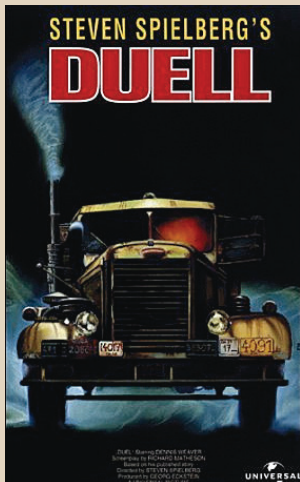
Tubarão



O massacre da serra elétrica

outros personagens entram em cena. Filmes como Encurralado (1972), de Steven Spielberg e O massacre da serra elétrica (1974), de Tobe Hooper, mostram que o homem pode ser autor do seu próprio horror, e que o medo nem sempre vem de fora. O cinema também abordou outras fontes até então inexploradas, como a natureza, em Tubarão (1975), de Steven Spielberg e em A gangue dos dobermans (1972), de Byron Chudnow.

Na década de 1980 entram em cena os psicopatas Jason, da



Encurralado



Jogos Mortais

nema contemporâneo tem explorado o cotidiano é o filme Pulse (2006), de Jim Sonzero. Nele, a trama se desenvolve a partir do momento em que um jovem descobre um vírus de computador que estabelece uma sinistra ligação com o além. Uma vez infectado o PC por esse vírus misterioso, a contaminação atinge toda uma cidade, dizimando os que não sabem lidar com a infecção virtual, o que gera um quadro apocalíptico e catastrófico.

O medo será sempre uma poderosa ferramenta de mobilização do ser humano, porque está ligado a um instinto básico de sobrevivência e, por isso, foi apropriado como gênero de sucesso pela indústria cinematográfica. As pessoas se sentem atraídas a assistir um filme que lhes provocará medo por que, ao detectar uma ameaça, nosso cérebro libera neuro-hormônios e neurotransmissores, que vão resultar na condução de dopamina, endorfina e adrenalina para o sangue como forma de proteger o organismo. Mas, como se trata de um filme, o cérebro entende que é ficção e suspende a produção de substâncias. Assim, o aumento da dopamina, no primeiro momento, nos deixa em estado de alerta e, logo depois, nos provoca sensação de prazer.



A hora do pesadelo



Sexta-feira 13